

O SUJEITO FRAGMENTADO NO PÓS-MODERNISMO: *VIDA E ÉPOCA DE MICHAEL K*, DE J. M. COETZEE

Amanda L. Jacobsen de Oliveira; Wellington Ricardo Fioruci

Introdução

A literatura, como instrumento sensível à sociedade, nos traz várias questões pertinentes à discussão. Essa característica se enaltece quando consideramos o mundo contemporâneo, onde o sujeito se vê diante de milhares de informações e possibilidades, inserido em uma sociedade multifacetada que, ao mesmo tempo em que oferece uma gama infinita de opções, pode também dificultar as escolhas a serem feitas entre essas. Dessa forma, é importante repensar o papel do indivíduo e a construção de sua identidade.

Tendo em mente essas reflexões, o trabalho aqui apresentado tem como objetivo observar o que, de acordo com Harvey (2011, p. 56) é “[...] a mais problemática faceta do pós-modernismo: seus pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento”, considerando que “a preocupação com a fragmentação e instabilidade da linguagem e dos discursos leva diretamente [...] a certa concepção da personalidade” (Harvey, 2011, p. 56). Para isso, fez-se a análise da obra literária *Vida e época de Michael K*, publicada em 1983, pelo escritor sul africano John Maxwell Coetzee.

Metodologia

É importante ressaltar que a escolha do romance deve-se ao fato desse trabalho fazer parte de uma investigação desenvolvida inicialmente a partir de um projeto de pesquisa, formado por cinco integrantes – sendo esses o professor orientador e quatro acadêmicas do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da UTFPR, Câmpus Pato Branco – no qual buscou-se rastrear o Pós-Modernismo na década de 80 através da análise comparativa entre quatro romances. Nesse sentido, é essencial considerar a literatura, tendo em conta que “[...] se se quer encontrar o pós-modernismo, é necessário antes de tudo olhar a cultura – não por que a cultura seja a única coisa importante do mundo, mas porque a cultura é um aspecto particularmente sensível da vida social.” (LEMERT, 2000, p. 43).

Discussões

A partir desse tópico, inicia-se então a reflexão a respeito da constituição do sujeito Michael K no romance foco da pesquisa. Michael é o protagonista da narrativa, que nos traz a jornada desse personagem africano, negro, em uma sociedade que passa por guerras civis e é regida pelo *apartheid*. Logo no início do livro percebemos as peculiaridades da sua vida, quando acompanha a sua mãe até a sua morte, sentindo-se sem rumo e sem propósito após esse acontecimento.

Nas primeiras páginas da obra encontramos a seguinte enunciação: “a primeira coisa que a parteira notou ao ajudar Michael K a sair da mãe para dentro do mundo foi que tinha lábio leporino. [...]” e, logo depois, “desde o começo Anna K não gostou da boca que não fechava e da carne viva e rosada exposta para ela. Estremeceu ao pensar no que havia crescido dentro dela aqueles meses todos” (COETZEE, 2003, p. 9). Começa-se então a notar a situação marginalizada de Michael, ao passo em que observamos que a própria mãe tinha certa repugnância por ele.

Assim, abrange-se uma discussão pertinente, principalmente à nossa sociedade: o papel do excêntrico, daquele que está à margem socialmente. Como Linda Hutcheon afirma

“ser ex-cêntrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente” (HUTCHEON, 1991, p. 96). Desse modo, a literatura pós-moderna mostra não somente as versões dos discursos daqueles que estão no centro da sociedade (ou no poder), mas também dá voz àqueles que normalmente não conseguem fazer-se ouvidos, mostrando então também a sua perspectiva. O que pode ser encontrado ao longo de toda a história de Michael K. Essa escolha caracteriza o “[...] deslocamento da linguagem da alienação (não-identidade) para a linguagem da descentralização (diferença)” (HUTCHEON, 1991, p. 90), que evidencia as diferenças e peculiaridades de cada sujeito, mostrando que cada um de nós constitui a sua subjetividade a partir da subjetividade do outro.

Como no trecho em que o texto traz certa retrospectiva do crescimento de Michael: “ano após ano, Michael K ficou sentado em cima de um cobertor vendo a mãe limpar o chão dos outros, *aprendendo* a ficar quieto” (COETZEE, 2003, p. 10, grifo nosso). Percebe-se que Michael foi constituindo sua identidade ao passo em que crescia e em que se relacionava com o mundo. Quando via a mãe limpar o chão, começava a “conhecer” a sua situação social. Além disso, ao longo da história, nota-se que ele raramente consegue se expressar verbalmente – na realidade, muito do que conhecemos dele vem a partir de seus pensamentos, e não de suas falas – o que acaba influenciando seu relacionamento social e, por tanto, (como constituímos nossa subjetividade através do contato com a subjetividade do outro) a sua identidade. Desse modo, através do trecho, notamos que Michael não é simplesmente quieto por que quer, mas sim porque acabou *aprendendo* a ser assim, devido à sua situação marginalizada.

Essa situação pode ser revelada através de outros excertos como: “Por causa de sua cara, K não tinha amigas mulheres. Ficava melhor quando estava sozinho” (COETZEE, 2003, p. 10). E ainda: “Quem é Michaels senão mais um, em uma multidão do segundo grupo?” (COETZEE, 2003, p. 159), onde há ainda que se pensar no fato da generalização, pois ele não é aqui tratado como único, mas sim apenas uma parte, que podemos entender como insignificante, dentro de um grupo maior. O que ainda sugere que, apesar desse excêntrico não ser ouvido, constitui boa parte da sociedade. Como pode também ser relacionado no seguinte trecho:

Quando atravessava a cidade a caminho do trabalho, K cruzava todo dia com o exército de desabrigados e desamparados que nos últimos anos haviam tomado conta das ruas do distrito central, mendigando, roubando, esperando nas filas das entidades assistenciais ou simplesmente sentados [...] (COETZEE, 2003, p. 21).

Destarte, nota-se que “[...] essa afirmação da identidade por meio da diferença e da especificidade é uma constante no pensamento pós-moderno” (HUTCHEON, 1991, p. 86).

Uma interessante característica do romance nessa perspectiva surge com a reflexão a respeito do nome de Michael, considerando que o nome de cada um de nós é carregado com certo significado que é culturalmente atrelado à nossa identidade e individualidade. Primeiramente, pode-se observar que seu nome é apenas Michael K, notando que o “K” não vem seguido por nenhum ponto, o que indica que não é a abreviação de nenhum sobrenome, mas sim o nome em si. Além disso, muitas vezes durante a história os personagens, ou mesmo o próprio narrador, o chamam apenas de K, ou Michael, ou ainda Michaels. Assim, mostra-se a sua fragmentação como sujeito por meio da utilização do nome inconstante e alterado inúmeras vezes.

Essa fragmentação do personagem é desenvolvida com a utilização de outras características, como a sua animalização. Com o caminhar da história, Michael passa por situações nas quais o leitor (e às vezes ele próprio) percebe que se assemelha bastante com um

animal, através dos comentários do narrador ou dos pensamentos do personagem: “Era difícil acreditar que havia se transformado naquele selvagem com uma faca na mão” (COETZEE, 2003, p. 65), “uma vez, quebrou e abriu um formigueiro e comeu as larvas, uma a uma” (COETZEE, 2003, p. 81). Essa animalização vem acompanhada da sua anulação como sujeito, quando não encontra propósito para a sua vida e tem, então, a sua identidade desconstruída. Até mesmo porque, com a doença de sua mãe ele pensava ter descoberto “o porquê de ter sido trazido ao mundo, recebera sua resposta: tinha vindo ao mundo para cuidar da mãe” (COETZEE, 2003, p. 13). Contudo, logo após, a sua mãe falece, e aí o percebemos cada vez mais desconstruído: “Aparentemente, tinha de dar outro passo, mas ainda não conseguia imaginar qual. [...] sentia-se tão insubstancial quanto o ar” (COETZEE, 2003, p. 71). Ademais, a partir de então, não possui família e nem lar. Inclusive, quando está no campo de Jakkalsdrif, expressa sua vontade de fugir, quando um colega lhe interpela: “[...] está saindo do seu local de moradia. Jakkalsdrif é o seu local de moradia agora. [...] E aonde você quer ir afinal?” (p. 93). E, apesar, de não exteriorizar muitas palavras e mesmos pensamentos, ele mesmo conclui, com uma imagem bastante significativa: “Sou que nem uma formiga que não sabe onde está seu formigueiro, pensou.” (COETZEE, 2003, p. 99).

Essa anulação é enfatizada quando o texto provoca uma sensação de que Michael está se encaminhando, ou se preparando para a morte. O que é percebido por vários personagens que ao longo de sua trajetória comentam: “Parece que está meio-morto!” (COETZEE, 2003, p. 103). O narrador acrescenta que “havia longos períodos em que ficava deitado num estupor cinzento, cansado demais para espantar o sono do corpo. Podia sentir os processos de seu corpo perdendo intensidade” (COETZEE, 2003, p. 138), sem nem mesmo fazer nada para reverter essa situação, ele “sentia-se um estranho, um fantasma.” (COETZEE, 2003, p. 139).

Talvez essa anulação do sujeito se deva mesmo à posição marginalizada de Michael socialmente, pois nota-se que ele está fora de seu tempo. Mesmo sofrendo com toda a situação em que se encontra o seu país, não reconhece que faz parte daquilo tudo, como quando afirma: “Eu não estou na guerra” (COETZEE, 2003, p. 161). Michael “vivia pelo nascer e pôr-do-sol, num bolsão fora do tempo” (COETZEE, 2003, p. 73), “vivendo fora do alcance do calendário e do relógio [...]” (COETZEE, 2003, p. 134). Isso é notado inclusive pelo médico que cuida de K, no final do romance: “Não tenho certeza se vive inteiramente em nosso mundo. [...] mal sabe que existe uma guerra em curso” (COETZEE, 2003, p. 152), ou “ele não é deste mundo. Vive um mundo todo dele” (COETZEE, 2003, p. 165) e, por fim, umas das mais belas e significativas imagens do livro “você é como um bicho-pau que pousou, sabe Deus como, no meio de um grande pátio nu de concreto” (COETZEE, 2003, p. 174). Novamente é o que Hutcheon afirma no excerto já inserido anteriormente: ser excêntrico é estar dentro e fora ao mesmo tempo, pois mesmo sofrendo as consequências devidas à situação de seu país e ao período histórico, não se considera como parte daquilo. Além disso, a fragmentação do indivíduo é posta em questão, pois, de acordo com Harvey (2011) as personagens pós-modernas com frequência parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir com relação a ele.

Nesse sentido, a fragmentação do indivíduo é constituída pela desconstrução da linguagem uma vez que a subjetividade é “a capacidade do falante para se colocar como ‘sujeito’”, ela é uma propriedade fundamental da linguagem: “É dentro e por meio da linguagem que o homem se constitui como um sujeito [...]” (BENVENISTE, 1971, apud HUTCHEON, 1991, p. 215). Essa reflexão se intensifica quando pensamos no fato de que, primeiramente, Michael tem lábio leporino, uma característica que pode dificultar a sua comunicação. Também, como observado anteriormente em um excerto, ao longo de sua vida, ele aprendeu a ficar quieto. Desse modo, em toda a história, raramente Michael consegue se

expressar verbalmente e, como já pontuado, boa parte do que conhecemos a seu respeito vem através de seus pensamentos. Então, nota-se que a sociedade não deu voz a ele, e o deixou acostumado a essa situação. Tanto que, quando consegue se exprimir em palavras, ele próprio fica surpreso: “Durante horas, discuti com ela, surpreendendo-se com a própria habilidade nos argumentos” (COETZEE, 2003, p. 26). Mesmo nos momentos em que necessita falar, como quando o médico que está cuidando dele, próximo ao final da história, pede “‘*Fale, Michaels*’ [...] ‘Sabe como é fácil falar, agora *fale*.’” (COETZEE, 2003, p. 162-163, grifo do autor) para que diga que é inocente de um crime do qual é acusado, ele apenas responde: “‘Não sou bom com as palavras’” (COETZEE, 2003, p. 163). Assim, o médico conclui que Michael é realmente alguém que vive fora de seu tempo, “uma alma abençoadamente intocada por doutrinas, intocada pela história [...]” (COETZEE, 2003, p. 176). Talvez então isso tenha relação com a sua dificuldade em se comunicar com o mundo, pois cada um de nós apenas constrói seu discurso e sua subjetividade no contato com a subjetividade do outro, ou seja, nosso discurso é formado pelo discurso dos outros também. Nós nos apoderamos dele por meio de nossa subjetividade e assim constituímos a nossa identidade. Desse modo, como poderia Michael construir seu discurso e sua identidade se é intocado pela história e marginalizado pela sociedade? Essa reflexão pode ser desencadeada a partir de um dos poucos momentos em que Michael passa a refletir sobre o que está passando, pensando que, talvez, seja decorrência da manipulação de quem está no poder:

Parecia mais coisa do Robert do que dele, pelo que conhecia de si mesmo, pensar uma coisa dessas. Será que devia dizer que a ideia era de Robert e tinha só achado abrigo dentro dele, ou poderia dizer que embora a semente tivesse vindo de Robert, a ideia, tendo crescido dentro dele, agora era dele? (COETZEE, 2003, p. 111).

Percebe-se que em uma das poucas vezes em que se põe a refletir, pensa que talvez a ideia não tenha vindo realmente dele, e sim de seu colega de Jakkalsdrif, Robert. Destarte, surge o problema da referência, uma vez que um discurso é formado por outro e não se sabe mais de quem ele partiu, originalmente. O discurso de Michael é então formado também pelo discurso de Robert.

Considerações Finais

Por fim, a partir de todas essas reflexões, vê-se a necessidade de se observar a cultura, considerando-a como instrumento sensível à realidade, e aí consiste a importância em discutir-se a literatura e o Pós-Modernismo, entendendo que esse se preocupa com autores que planejem o novo, projetando um leitor diferente, tentando revelá-lo a si mesmo, sendo que o próprio texto quer ser, então, uma experiência de transformação para esse (ECO, 1985). A procura então de um leitor crítico e atento às várias possibilidades do discurso.

Referências

COETZEE, John Maxwell. **Vida e época de Michael K.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O Nome da Rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEMERT, Charles. **Pós-Modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.